

AUTOR DE *AS BENEVOLENTES*

# Jonathan Littell

UMA  
HISTÓRIA  
ANTIGA  
NOVA VERSÃO



D. QUIXOTE

ROMANCE

Jonathan Littell  
◊  
UMA HISTÓRIA ANTIGA  
*Nova versão*



Jonathan Littell  
◊  
UMA HISTÓRIA ANTIGA  
*Nova versão*

Romance

Tradução de  
João Carlos Alvim





Título: *Uma História Antiga (Nova Versão)*  
Título original: *Une vieille histoire (nouvelle version)*  
© Jonathan Littell, 2018  
© Publicações Dom Quixote, 2018  
Edição: Cecília Andrade  
Tradução: João Carlos Alvim  
Revisão: Clara Boléo

Este livro foi composto em Rongel,  
fonte tipográfica desenhada por Mário Feliciano  
Capa: Rui Garrido  
Fotografia do autor: © Benjamin Loyseau  
Paginação: Leya, S.A.  
Impressão e acabamento: Multitipo

1.ª edição: novembro de 2018  
ISBN: 978-972-20-6623-5  
Depósito legal n.º 446 485/18

Publicações Dom Quixote  
Uma editora do Grupo Leya  
Rua Cidade de Córdova, n.º 2  
2610-038 Alfragide • Portugal  
[www.dquixote.pt](http://www.dquixote.pt)  
[www.leya.com](http://www.leya.com)

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.  
Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

«Tudo isso era verdadeiro, notem.»

MAURICE BLANCHOT

*La folie du jour*



I  
∞

A cabeça rompeu a superfície e a boca abriu-se-me para sorver o ar ao mesmo tempo que, num ruído de salpicos a toda a volta, as mãos encontravam terra firme, apoiavam-se nela e, transferindo a força do impulso para os ombros, içavam o meu corpo encharcado para fora de água. Fiquei por momentos em equilíbrio ali à beira, desorientado pelos ecos abafados dos gritos e dos ruídos da água, estonteado pela visão fragmentada de partes do meu corpo nos grandes espelhos que cercavam a piscina. Em redor dos meus pés, crescia uma poça; uma criança passou por mim, atirando-me quase para dentro de água. Recuperei o equilíbrio, tirei a touca e os óculos e, lançando um derradeiro olhar por cima do ombro à linha brilhante dos meus músculos dorsais, atravessei as portas batentes. Depois de me ter secado e de ter vestido uma roupa cinzenta e sedosa, agradável ao tato, reingressei no corredor. Passei sem hesitar uma bifurcação, depois outra, estava bastante escuro aqui e a luz indistinta quase não deixava ver as paredes, pus-me a correr, em pequenas passadas como num footing. As paredes, de cor baça, desfilavam ao meu lado, parecia-me por vezes detetar uma abertura ou pelo menos uma zona mais sombria, não era capaz



de ter a certeza, por vezes também o tecido da camisa a florava uma delas e eu deslocava-me para o meio do corredor, este devia estar a curvar, mas ligeiramente, quase impercetivelmente, só o bastante para perturbar o equilíbrio da corrida, tinha começado a suar, embora não fizesse nem calor nem frio, respirava com regularidade, inspirando a cada três passos um hausto de ar insípido antes de o expirar num sibilo, cotovelos colados ao corpo para não bater nas paredes que tão depressa pareciam afastar-se como aproximar-se, como se o corredor se tivesse posto a serpentear. À minha frente não distinguia nada, avançava quase ao acaso, por sobre a minha cabeça não avistava nenhum teto, talvez estivesse enfim a correr ao ar livre, talvez ainda não. Uma pancada violenta no cotovelo trespassou-me o braço com um estilhaço de dor, levei até lá a outra mão e voltei-me de imediato: um objeto brilhante, na parede, destacava-se da sombra. Toquei-lhe com os dedos, era uma maçaneta, fi-la rodar e a porta abriu-se, arrastando-me atrás dela. Dei comigo num jardim familiar e aprazível: o sol brilhava, algumas manchas de luz salpicavam as folhas misturadas da hera e da buganvília, devidamente aparadas no caniçado; mais ao longe, os troncos nodosos de velhas glicínias emergiam do solo para recobrirem de verdura a fachada alta da casa, erguida à minha frente como uma torre. Estava calor e limpei com a manga o suor que se me formava no rosto. Numa zona meio ocultada pelo edifício, uma piscina ou um pequeno lago fazia espelhar as suas águas, uma superfície azul cercada por lajes de calcário, com a sua pálida superfície traçada pelo branco, em parte protegida pelas longas frondes arqueadas de uma palmeira redonda e maciça. Um gato cinzento passou por mim e, de rabo alçado, esfregou o dorso na barriga da minha perna. Afastei-o com a ponta do pé e ele correu em direção à casa e desapareceu numa porta entreaberta. Segui-o. Do fundo do corredor, através de outra porta entreaberta, chegava-me aos

ouvidos uma série de ruídos curiosos, oclusivas mais ou menos graves, entrecortadas por silvos: a criança devia estar a brincar às guerras e a derrubar um após outro os seus soldados de chumbo, num dilúvio de tiros e de explosões. Deixei-o em paz e comecei a subir uma escada de caracol que levava ao andar de cima, fazendo uma pausa no patamar para contemplar por momentos o olhar sério, perdido no vazio, da grande reprodução emoldurada da *Dama com Arminho* que ali estava pendurada. A mulher estava na cozinha; quando ouviu o barulho dos meus passos, pousou a faca, voltou-se com um sorriso, e veio abraçar-me com ternura. Envergava um vestido cinzento-pérola de usar em casa, fino e leve, acariciei por sobre o tecido o flanco suave do corpo e depois mergulhei o rosto nos cabelos de um louro-veneziano, que formavam um carrapito sabiamente despenteado, para lhes aspirar o cheiro a urze, musgo e amêndoa. Ela deixou escapar um riso ligeiro e libertou-se do meu abraço. «Estou a tratar da comida. Ainda vai demorar um bocadinho.» Tocou-me na cara com a ponta dos dedos. «O miúdo está a brincar.» – «Eu sei. Ouvi-o assim que entrei.» – «Achas que lhe podes dar banho?» – «Claro. O dia correu bem?» – «Sim. Recuperei as fotos. Estão lá em cima, no móvel. Ah, outra coisa: há um problema qualquer com o circuito elétrico. A vizinha ligou.» – «O que é que ela disse?» – «Aparentemente haverá picos de tensão, e isso causa alguns cortes momentâneos de corrente em casa deles.» Tive uma reação de enervamento: «A senhora está a delirar. Mandei refazer o circuito duas vezes. Por um profissional.» Ela sorriu e eu voltei costas para tornar a descer as escadas. Os ruídos da batalha tinham cessado. Antes de abrir a porta, passei pela casa de banho contígua para pôr o banho a correr, tratando de verificar a temperatura para a água não ficar muito quente. Só depois entrei no quarto da criança. Envergava apenas uma t-shirt; de rabo ao léu, estava acororado e filmava com uma pequena

câmara digital o gato que, com vigorosos golpes de patas, se divertia a derrubar os cavaleiros de chumbo, armados de lanças e de carabinas, alinhados criteriosamente sobre o grande tapete persa. Contemplei-o por momentos, como através de uma parede de vidro. Depois avancei e dei-lhe uma palmadinha no rabo: «Vamos lá, toca a ir para o banho, está na hora.» Deixou cair a câmara e atirou-se para os meus braços aos gritinhos. Peguei-lhe ao colo e levei-o para a casa de banho, onde lhe despi a t-shirt antes de o meter na água. Pôs-se de imediato a bater nela com a palma das mãos e a rir muito enquanto salpicava as paredes. Ri-me também com ele, mas ao mesmo tempo recuei e fui encostar-me à porta para o observar na altura em que ele se deixava imergir por completo na superfície da água.

À refeição, a criança, sentada entre os dois, palrava a respeito das suas batalhas. Escutava-o distraidamente, saboreando o vinho fresco e os lagostins salteados com alho. A mulher, com o seu rosto delgado cercado pelas madeixas louras que se lhe escapavam do carrapito, sorria e bebia também. A criança calou-se, afinal, para se encarniçar sobre um lagostim, tentando quebrar uma das pinças com os seus pequenos dentes de leite; limpei a boca e, com a ponta dos dedos, afaguei-lhe os cabelos, louros como os da mãe. Uma vez terminada a refeição, levantou rapidamente a loiça e fugiu escada abaixo a esfregar os dedos gordurosos no pijama, enquanto eu o repreendia suavemente. Acabei de arrumar tudo, enquanto a mulher ia deitá-lo, e depois lavei cuidadosamente as mãos antes de voltar para acabar de beber o vinho. Havia uma série de discos no hi-fi, uma gravação recente de *Don Giovanni*; pus o terceiro disco a tocar e vim sentar-me diante da vidraça, a contemplar a luz de açafrão do entardecer sobre os volumes verdes do jardim, enquanto

mordiscava uma pequena maçã vermelha, que retirara de uma fruteira. O Comendador estava prestes a chegar para a ceia e eu pensava no sentido dessa figura moralizadora e acusadora. Exigia acima de tudo impor a sua lei ao filho rebelde; mas não o tinha este fodido logo no início do primeiro ato? Visivelmente, isso não servira para nada porque ele aí estava de volta, ainda mais monumental e mortífero, para ruína de todos os prazeres. Ora o fim aproximava-se, e contudo o filho resistia a pé firme, como um miúdo teimoso, retorcido e resoluto, recusando-se a aderir àquela lei morta, ultrapassada, asfixiante, mesmo que a sua existência estivesse em causa. Lá fora, a noite caíra; larguei o caroço da maçã para ir acender, uma após outra, as várias lâmpadas do salão e depois preparei outro copo. O disco estava a chegar ao fim, num pequeno final burlesco que soava como o derradeiro eco de um riso de troça lançado por um intratável valdevinos. Na minha boca, os sabores amadeirados do vinho misturavam-se com o gosto açucarado e ligeiramente enjoativo da maçã. Um pouco mais tarde, a mulher voltou a subir a escada e eu segui-a até ao andar de cima. As suas ancas, na penumbra da escada, oscilavam tranquilamente. Enquanto ela tomava um duche, passei em revista as fotografias que estavam em cima da cómoda: eram todas elas fotografias em que eu estava junto da criança, tiradas em diferentes épocas e em diferentes situações, no circo, na praia, numa barça. Nenhuma delas me prendeu o olhar e voltei a pousá-las antes de me despir, enquanto examinava os meus músculos escorreitos no grande espelho vertical que ficava ao lado da porta. Visto de costas, o meu corpo parecia-me quase feminino, ao escrutinar as nádegas, brancas e redondas como as de uma mulher; só os cabelos, louros igualmente, mas curtos, pareciam diferenciar-me. Quando ela saiu da casa de banho, nua e ainda molhada, com os cabelos envoltos numa toalha, puxei-a pelos ombros e lancei-a para cima da coberta, um

espesso tecido dourado com compridas ervas verdes bordadas por todo ele. Caiu de barriga para baixo com um pequeno grito e eu estiquei a mão para apagar a luz. Agora, só a luminosidade pálida da luz clareava o quarto, escorria pelas janelas para além das quais se destacavam as torções enlouquecidas dos rebentos de glicínia, iluminando as folhas verdes do bordado e o corpo branco estendido em cima delas, o dorso retilíneo e esbelto, os rins, a dupla curvatura das nádegas. Deitei-me sobre esse corpo, que estremeceu. A toalha caíra e o cabelo cobria-lhe o rosto. Com a ponta dos pés abri-lhe as pernas, fiz deslizar uma das mãos sob o seu ventre para lhe soerguer os rins, e pressionei contra ela o meu sexo em ereção; estava, porém, seca, de modo que recuei um pouco, humedeci com saliva os dedos e untei-a com eles, massajando-a lentamente. Pude então penetrá-la com facilidade. A sua respiração acelerou, o rabo, por baixo de mim, começou a mexer-se, o corpo, preso pelas minhas mãos, estirou-se e um grito escapou-lhe, logo interrompido. Eu sentia-me a derreter de doçura, uma agulha comprida de prazer, muito fina, trespassava-me as costas, esticando-me a pele da nuca e eletrizando-me. Voltei a cabeça: no espelho, postos em evidência pela claridade da lua, via de novo o rabo e o topo das minhas pernas nervosas, as dela também, presas por baixo de mim, e entre elas algumas formas sombrias, avermelhadas, indistintas. Fascinado por esse espetáculo incongruente, abrandei o ritmo, a mulher arquejava, o corpo perdido entre as ervas bordadas da coberta, uma das suas mãos buscava a minha anca, via-a no espelho, as unhas lacadas cravadas nos meus músculos, e então mesmo ao lado do espelho a porta abriu-se e na faixa de luz lunar vi o rostinho pontiagudo da criança, de olhos muito abertos, lábios voluntariosos e casmurros. Senti-me paralisar. O rosto ficou também imóvel; junto a ele, vislumbraava ainda no espelho a massa dupla das nádegas e a confusão obscura dos órgãos entre

elas. Sentia o prazer que se aproximava, a mulher gemia, afastei-me abruptamente e rolei sobre o flanco, o meu sexo húmido, vermelho, a palpitar, e eu a vir-me em longos jatos quase sem dar por isso, a cara do miúdo desaparecera na escuridão da escada, ouvia-se os pezitos nus bater a toda a velocidade na pedra dos degraus, a mulher olhava-me com um ar perdido e confuso, eu continuava a vir-me. Alagado, com a respiração entrecortada, deitei-me de costas e limpei distraidamente o ventre ao lençol, enquanto a mulher, já de pé, vestia um roupão para ir atrás da criança.

Já devia estar a dormir quando ela voltou para a cama. Quando acordei, o céu, por detrás das janelas, clareava. Os tentáculos da glicínia balançavam molemente; alguns pássaros, abrigados nas ramagens, punham-se a cantar, um concerto de trinados agudos. A mulher estava meio de costas para mim, o rosto de novo ocultado pelos cabelos desfeitos, deixei-a sossegada e fui para a casa de banho onde, bem firmado nas pernas, mijei demoradamente, de olhos fechados, atento ao som das gotas que embatiam na água da sanita. Na altura em que, debruçado diante do espelho, estava a lavar os dentes, a luz matinal, a incidir de lado sobre o fio de água, formou uma espécie de turbilhão que tremulava na circunferência do lavatório. Isso durou apenas um instante; o sol prosseguia a sua carreira e quando cuspi o dentífrico já um pouco de sombra cobria a porcelana branca. Vesti o fato de treino e descí. Não me detive no salão, mas continuei até ao andar de baixo onde o rapaz dormia, dobrado sobre si na pequena cama de madeira, abraçado ao gato e com a cabeça enfiada num urso de peluche cor-de-rosa, com olhos de vidro azul. Sentei-me na borda da cama e contemplei o seu rosto severo que brilhava à luz pálida da manhã. Também aqui o canto dos pássaros enchia

o aposento. A criança parecia respirar com dificuldade, o suor colava-lhe à testa os cabelos louros, afastei-os com os dedos e ele abriu os olhos. «Vais-te embora?», perguntou sem se mexer. Acenei com a cabeça, a confirmar. «Não quero que vás», disse ele ainda, fixando-me com uma expressão obstinada e quase ávida. – «Tem de ser.» – «Porquê?» Pensei na pergunta e respondi: «Porque me apetece.» O seu olhar, simultaneamente impotente e teimoso, tinha-se velado: «Portanto, quando estás contente, eu estou triste. E quando eu estou contente, tu estás triste.» – «Mas não, não é isso. Não estás a ver bem o assunto.» O gato tinha erguido a cabeça e fixava-me com os seus olhos amarelos, sem pestanejar. Debrucei-me, abracei com delicadeza a testa húmida do rapaz, levantei-me e saí. No jardim reinava a tranquilidade, as folhas das árvores sussurravam baixinho, ocultando os movimentos sacudidos dos pássaros, que continuavam a não se calar, já estava calor, um forte calor matinal que se colava à pele. A porta abriu-se com facilidade e eu reencontrei o corredor por onde encetei uma corrida controlada, com as passadas ritmadas pela respiração. O corredor parecia-me desta vez um pouco mais claro, pensei aperceber-me melhor das curvas, ainda que não conseguisse situar com precisão nem as paredes nem o teto, se é que de facto havia um teto. A temperatura aqui era moderada, mas o meu corpo, aquecido pela corrida, suave no fato de treino, as calças colavam-se-me aos rins, o que não me impedia, como uma máquina bem oleada, de manter a regularidade do ritmo. Ultrapassei sem abrandar as aberturas mais sombrias, alguns cruzamentos ou talvez apenas algumas alcovas; por fim, qualquer coisa à minha esquerda me chamou a atenção, um estilhaço metálico que flutuava ao canto dos meus olhos; sem hesitar, agarrei na maçaneta e atravessei o umbral. Os meus pés afundaram-se numa superfície mole e eu estaquei. Dei comigo num quarto bastante amplo, mergulhado numa semiobscuridade,

com poucos móveis; nas paredes, as vides douradas do papel pintado ascendiam entrelaçando-se; uma alcatifa vermelho-escura, cor de sangue, cobria o chão. Na outra extremidade do aposento, para além da cama coberta por um tecido de compridas ervas verdes impressas sobre um fundo dourado, uma figura com cabelos curtos cor de azeviche estava diante da janela; os taipais estavam fechados, mas ela fixava alguma coisa no vidro, talvez o seu próprio reflexo. Contemplei-a por instantes, com um sentimento distante e ligeiro, quase de medo. Ao ouvir o barulho da porta a fechar-se, a figura voltou-se e eu então vi que se tratava de uma mulher, uma mulher bela de rosto mate e anguloso que me olhava sem se mexer, com um sorriso um tudo-nada doloroso a flutuar-lhe na boca. Depois foi estender-se na cama, com os braços estendidos na minha direção. Hesitei um instante antes de descalçar os ténis com a ponta dos pés, sem sequer me baixar, e fui deitar-me junto dela, apoiado nos cotovelos, a tocar com a ponta dos dedos na cabeleira densa. O seu rosto flutuava mesmo por baixo do meu, grave e sério; ela aflorou-me delicadamente a nuca e ergueu a cabeça para colar os seus lábios aos meus. Por momentos, estes ficaram rígidos, mas depois descomprimiram para aceitar o beijo. A barba mal aparada devia arranhar-lhe a pele, mas isso tinha ar de lhe agradar, enlaçou-me os rins com as pernas e puxou-me para si para me beijar com gula, a acariciar-me com ardor os cabelos, os ombros, os bíceps, e a cheirar-me o pescoço e os cabelos para impregnar-se do meu cheiro. As suas madeixas faziam-me cócegas no nariz, enchiam-me o rosto com um cheiro a terra e a canela. Então aventurei as minhas mãos, tentando desabotoar a blusa de tule claro e afastando o sutiã para lhe tocar num seio. O mamilo inchou de imediato entre os meus dedos e ela ofereceu o peito para pressionar o seio contra a palma da minha mão, arqueando nesse mesmo movimento as nádegas para encostar o sexo à minha perna. Em seguida afas-



tou-me e eu recuei de joelhos enquanto os seus dedos me palpavam o pénis através do tecido das calças e deslizavam por sob o elástico do slip para aflorarem a pele e os pelos encaracolados e procuravam mais abaixo, sopesando-me os testículos. Entesei um pouco e ela baixou-me o slip e libertou-me o sexo, inclinou-se e meteu-o na boca. Fazendo deslizar o prepúcio sobre a glande, ela fê-la rolar na língua enquanto eu brincava de novo com os seus espessos cabelos negros, e depois engoliu-a até mais fundo, de forma a tocar com os lábios no meu púbis. Não estava ainda completamente ereto e o sexo cabia-lhe perfeitamente na boca, de modo que ensaiou um movimento de vaivém enquanto me arranhava a pele das ancas com as unhas, o que só me irritou, a ponto de me decidir retirar, metendo de novo o sexo no slip e fechando outra vez as calças. Sem se atrapalhar, ela ergueu-se sobre os joelhos e perguntou com um sorriso: «Tens fome?» Sem esperar pela resposta, pegou no telefone que estava junto à cama, marcou um número e, brandindo um desdobrável de cartolina, enumerou um certo número de pratos. Levantei-me, mexi um pouco as pernas que tinham ficado entorpecidas e fui depois para a casa de banho onde fiz rodar as pesadas torneiras de porcelana da banheira, pondo os dedos no jato da água para lhe avaliar a temperatura.

Dentro de água, de costas para mim, ela encostou ao meu o seu longo corpo moreno e eu acariciei-lhe os braços, o ventre, a parte de baixo dos seios que flutuavam à superfície da água em flocos do banho. Numerosas pequenas cicatrizes decoravam a sua pele mate, inchaços bastante espessos e mais ou menos longos consoante os sítios, afastando a espuma contei três no ombro esquerdo, um na virilha, um grande nas costelas mesmo por baixo do seio direito, outro ainda, fendido, no ângulo da

mandíbula. Algumas pancadas secas fizeram-se ouvir na porta do quarto. A rapariga voltou-se num grande ruído de água, deu-me um beijo rápido na boca e saltou da banheira, envolvendo o corpo molhado num amplo roupão atoalhado antes de abrir a porta. Mergulhei na água, ficando apenas com a cara visível. Uma sensação de enervamento perpassava-me pelo corpo, uma angústia vaga, impossível de dominar, que deixava atrás de si uma espécie de vazio. Alguns barulhos, abafados pela água que me tapava as orelhas, chegavam indistintamente até mim. Saí igualmente do banho, sequei-me, enverguei outro roupão que ali estava pendurado e sem cuidar sequer de o fechar voltei ao quarto. De novo ajoelhada sobre o estampado verde, a rapariga contemplava uma grande bandeja em que estavam alinhados alguns pratos de madeira lacada cheios de peixe cru e de legumes conservados em azeite e vinagre. Duas cervejas douradas exibiam a espuma em copos um pouco largos. «Senti a falta de comer contigo», disse ela com um sorriso afetuoso. Não respondi e fui sentar-me à frente dela. Ergueu o copo e fizemos uma saúde, a olhar um para o outro; depois agarrou num par de pauzinhos e começou a comer. Sempre em silêncio, imitei-a. O tinido dos pauzinhos era o único ruído: por detrás dos taipais, onde eu imaginava uma rua ou um pátio, não se ouvia nem um som; apenas o candeeirinho à cabeceira da cama nos iluminava com o seu brilho amarelado, ao voltar a cabeça avistava a nossa imagem refletida nos vidros da janela, duas formas indecisas vestidas de branco, claramente separadas do campo de ervas verdes do tecido estampado. A presença da jovem perturbava-me e, apesar de sentir uma atração violenta pelo seu corpo esbelto, sentia-me tão afastado dela como do seu reflexo turvo na vidraça. De súbito ela quebrou o silêncio: «Conta-me uma coisa qualquer», intimou-me, com um pequeno sorriso ambíguo. Tossiquei, comi mais um bocadinho de peixe e depois acabei por responder: «Tive um sonho terrível

recentemente.» – «Lembras-te?» – «Alguém matava uma criança. Um rapazinho louro. Era horrível.» – «Alguém, quem? Quem o matava? E como é que o fazia?» – «Não me consigo já lembrar.» Ela pensou um pouco: «Talvez o rapazinho fosses tu.» A minha expressão endureceu: «Estás maluca. Porque é que dizes isso?» Ela fez soar um risinho muito terno: «Não te zangues. Disse isso por dizer. Uf, como o ambiente está seco.» Acabou de beber a cerveja de um só trago, levantou-se e, deixando cair o roupão, dirigiu-se para a casa de banho. Com um olhar quase abstrato, seguiu o movimento flexível dos ombros, dos rins, das nádegas. Pouco depois, voltou a sair da casa de banho com um pequeno tubo, um creme qualquer escolhido de entre os produtos oferecidos pelo estabelecimento, que ela esvaziou na mão, espalhando-o primeiro em grandes doses pelo corpo e depois massajando mais cuidadosamente a pele para que esta o absorvesse. Apoiei os cotovelos na extensão verdejante do estampado a fim de a observar e ela dirigiu-me um olhar malicioso: «Bem podias ajudar-me, em vez de ficares só a cuscar.» O rosto voltou a fechar-se-me, mas ela ignorou isso e estendeu a mão para apanhar um último legume e para o saborear, antes de lamber os dedos maculados de azeite, continuando a olhar-me com desenvoltura. Depois retirou o tabuleiro da cama, pousou-o no chão, a um canto, com as nádegas morenas voltadas para mim. Quando voltou para a cama, apontou o indicador para o roupão que eu trazia vestido: «Vais conservar isso? Não é grave.» Estendeu-se na cama e soergueu-se nos cotovelos, afastando as faixas de algodão e metendo outra vez o meu pénis flácido na sua boca magnífica. As nádegas arquearam-se-lhe e ela abriu-me as pernas e apertou-me os testículos com uma mão, ativando-se com energia. Mas eu continuava a não entesar. Um pouco agastado, contemplei os frisos do teto e desviei a cabeça: nos vidros da janela, do outro lado da cama, conseguia distinguir a dupla curva repousada do

seu traseiro, em destaque sobre o campo de longas ervas verdes, uma zona mais obscura, confusa, mas realçada por uma cor rosa e luzidia, encurvada no centro. Afastou ainda mais o meu roupão, veio de joelhos até me cavalgar e esmagou o sexo, fluido agora e inchado, contra o meu, massajando-o pacientemente entre os lábios entreabertos. Muito sério, pus-me a contemplá-la e tratei de lhe acariciar as coxas. Ela retesou-se, de mãos cruzadas sob a nuca rapada e dardejou os seus pequenos seios de pontas excitadas: «Toca-lhes», ordenou. Assim fiz, tentando sem muito sucesso disfarçar a minha falta de entusiasmo. Exasperada, beliscou-me o pénis que continuava mole e tentou metê-lo na vagina, esperando sem dúvida, mas em vão, que ele acabaria aí por entesar. Afastei-a, despeitado, com doçura, e apartei dela as minhas pernas fechando um pouco o roupão sobre o baixo-ventre. «Tenho muita pena», murmurei um pouco envergonhado. Não consigo.» Ela sorriu amistosamente e inclinou-se para me abraçar, fazendo-me uma festa no ombro e no pescoço e apoiando depois de súbito uma das cicatrizes que decoravam a sua pele mate na minha boca. «Não é grave, não te preocupes. Mas talvez seja melhor eu pôr-me a andar.» Senti o peito apertar-se e uma tristeza sombria tomou conta de mim. Não sentia qualquer espécie de desejo, até mesmo a humidade do seu sexo, em que mergulhara a contragosto os dedos, não despertava em mim o que quer que fosse, mas ainda assim não queria que ela se fosse embora. «Fica. Peço-te.» Para reforçar o meu pedido, mexi um pouco os dedos, e ela suspirou, torcendo a pélvis sob a sua pressão. Uma vez mais, ergui a cabeça para contemplar na janela o reflexo das suas nádegas contraídas: nesse instante a luz foi abaixo, apagando a imagem e mergulhando o quarto no escuro, por mais que esbugalhasse os olhos não via nada, devia ser uma quebra de eletricidade, de modo que acelerei o movimento dos dedos, espalhando as secreções sobre os lábios e os pelos áspe-

ros e buscando-lhe no centro da carne a extremidade, dura como um botão prestes a abrir-se, ela suspirou-me de novo ao ouvido, os dedos tinham-se-lhe crispado no meu peito e com a outra mão arrepanhava-me convulsivamente os cabelos, a sua respiração rouca deixava escapar pequenos gemidos, até que por fim empinou-se e mordeu-me a base do crânio, trespassando-me a cabeça com uma pequena lâmina de dor que se confundiu com o seu grito, cortado cerce quando ela desabou, meio caída sobre o meu corpo. Permaneci imóvel, a mão inconfortavelmente presa entre as pernas dela que continuavam ainda a tremer, os olhos muito abertos na escuridão, escutando o silvo da sua respiração ao meu lado.

O regresso da luz despertou-me e eu abri os olhos. O candeeirinho da mesa de cabeceira estava aceso; a rapariga, de pé ao lado da cama, estava a vestir as cuecas e debatia-se com uns jeans quase excessivamente estreitos para as suas ancas. «Vais-te embora?» Ela retirou um telefone portátil do bolso, consultou o ecrã e depois fechou-o com um gesto seco. «Sim», respondeu. «Está na altura.» Olhei-a tentando disfarçar o meu desconsolo. «Fica mais um bocado. Não queres?» – «Tenho de ir», disse ela em voz baixa. – «Mas porquê?» O seu olhar, impotente e teimoso, toldara-se: «Porque me apetece.» Não havia nada que pudesse responder-se a isso e vi-a em silêncio acabar de vestir-se. Quando ficou pronta, inclinou-se para mim, beijou-me furtivamente na boca e saiu. Voltei a estender-me de costas, com uma das mãos a descansar na barriga e depois empurrei com raiva o tecido estampado. Tinha a boca seca, pastosa; ergui-me de um salto e fui à casa de banho onde bebi longamente da torneira, a piscar os olhos sob a branca luz viva da lâmpada fluorescente. Quando saí de lá, olhei para o quarto vazio: a cama desfeita, o

meu fato de treino atirado a trouxe-mouxe, a bandeja pousada a um canto, as vides douradas do papel pintado que pareciam formigar nas paredes, o reflexo pálido e indefinido do meu corpo cansado na janela, todas essas formas vagas e esses objetos dispersos ecoavam o crepitar vazio que me tomara conta do corpo e corroera aquilo que sentia. Tinha a pele áspera: Seria bom baixar o aquecimento, disse eu para os meus botões, esboçando uma careta. Mão não via nenhum termostato, nem nenhum comando no radiador. Enchi afinal de água os dois copos de cerveja vazios e coloquei-os em cima do ferro pintado do radiador antes de apagar a luz e de voltar a deitar-me, com a cabeça enclausurada numa cólera surda e melancólica, desprovida de objeto. Não tinha sono e rebolei até ficar de barriga para baixo, metendo as mãos entre as pernas. Mas não me masturbei, continuava a não sentir nenhuma excitação, limitei-me a tocar maquinalmente na massa mole do sexo, esfregando-a entre os dedos. Acabei por adormecer assim, com uma mão no meio das pernas e a outra abrigada sob o rosto. A campainha do telefone despertou-me por completo. Atendi, sem pensar: era um despertador automático, e desliguei de imediato. Fiquei estendido ainda mais um bocado, a espreguiçar-me. Por fim, levantei-me, fui à casa de banho, pus-me pesadamente diante da sanita para mijar. Face ao espelho, senti-me de repente um velho: o meu corpo, o belo corpo poderoso e firme da minha juventude estava a afundar-se, a dissolver-se, a desaparecer. Pus um pouco de água na cara e nos cabelos, penteei-me à pressa com os dedos, e fui-me vestir. A substância lisa e sedosa do fato de treino deslizou-me agradavelmente pela pele, era uma coisa reconfortante. À saída do quarto, hesitei: havia duas portas, uma diante da outra, não tinha reparado nisso. Por qual delas teria a rapariga saído? Não tinha importância. Abri uma das portas ao acaso e passei o umbral com decisão; já os meus pés, calçados de ténis leves como plu-

mas, retomavam as suas pequenas passadas, apertei os cotovelos contra o corpo e concentrei-me no modo de respirar, inspirando pela boca ao ritmo dos meus passos. O ar aqui estava menos seco, o suor começou depressa a escorrer-me pelo rosto, encharcou-me as axilas, o fundo dos rins, e eu percorria o corredor cinzento, movendo os pés quase sem ruído. Estava escuro, mas isso não me incomodava muito, via-se apesar de tudo o suficiente; contudo, eu não conseguia vislumbrar nenhuma fonte de luz, as paredes pareciam lisas, iguais, indistintas, interrogava-me vagamente sobre o sítio de onde a iluminação podia provir, informação que no fundo pouco me interessava. Aqui e além, uma zona mais obscura parecia dar para um cubículo ou eventualmente para um corredor que levasse sabe-se lá onde, e eu seguia sem abrandar, acompanhando a curva que se prolongava, e tal como uma criança estendi a mão e deixei que os meus dedos se arrasassem na parede até chocarem com um objeto em que eu não tinha reparado. Era uma maçaneta, fi-la rodar e abri a porta. De imediato, percebi que esse espaço me agradava. Era um vasto estúdio muito claro, com as paredes cobertas por estantes de livros, que tinha ao fundo uma abertura envidraçada que dava para uma série de pequenos imóveis com vários andares em frente a uma tira de mar cinzenta e luminosa. Pousei as mãos na mesa comprida que estava colocada defronte da vidraça e observei a cidade, contemplando as mudanças de cor das fachadas à medida que a luz ia declinando, a brincar distraidamente com as maçãs vermelhas, verdes e amarelas que ali estavam empilhadas numa grande tijela. Um pombo passou no céu à minha frente e mudou em dada altura de direção; segui-o com os olhos, durante breves momentos, e depois perdi-o de vista. Num aparelho de alta-fidelidade, estava um conjunto de discos com antigas gravações de concertos para piano de Mozart; pus um a tocar ao acaso e deambulei pelo apartamento a ouvir os seus compassos

iniciais, deixando os olhos deslizar pelas lombadas dos livros e pelas numerosas gravuras e reproduções penduradas entre as estantes. As notas alegres e lúcidas da música dançavam no aposento, enchendo-me de uma sensação de serena leveza. Servi-me de um pouco de aguardente, acendi um pequeno charuto que encontrei numa caixa, e refasteiei-me num divã de couro negro para folhear um álbum que estava pousado numa mesinha de centro. De formato horizontal, encadernado em tela branca, exibiu algumas séries de fotografias de mulheres e de homens nus, que efetuavam diversos movimentos decompostos em sequências várias pelo dispositivo fotográfico. Detive-me diante de uma prancha: um homem, com um movimento poderoso, fazia voltar outro em redor do seu corpo para depois o lançar ao chão, de barriga em terra, antes de cair sobre ele a fim de o placar, as cabeças dos dois adversários como que misturadas, enquanto os duplos globos brancos das nádegas e as linhas nervosas das pernas se cavalgavam, numa pilha sinuosa de formas, imobilizada para sempre pelo disparo sucessivo dos obturadores.

Estava um pouco fresco, naquele estúdio, estava quase frio. Mudei o disco e fui procurar nos armários para ver se encontrava alguma coisa para comer. Não havia nada de especial, mas pude ainda assim preparar uma refeição revigorante de sardinhas em conserva, de cebola crua, pão escuro e vinho rosé tirado do frigorífico. Enquanto acabava de comer, senti o corpo tremer de frio, tratei rapidamente da louça e fui pôr o duche a correr, esperando a chegada da água quente para me despir e me meter lá dentro. Uma vez sob o fluxo da água, estiquei os músculos e usufruí das sensações que perpassaram este corpo, longilíneo e nervoso. No quarto, sequei-me diante de um grande espelho redondo colocado aos pés da cama, um simples colchão pousado